

Santo Antônio de nó de pinho: expressão
material de uma devoção mestiça¹
Saint Anthony from araucaria-pine tree-knots:
material expression of a mixed devotion

Marina de Mello e Souza

Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil
marinamsouza@usp.br
<https://orcid.org/0000-0002-4779-1503>

Resumo: Existentes no antigo Congo, na África Centro-ocidental, imagens de Santo Antônio foram lá confeccionadas e utilizadas de formas particulares. Quando relacionadas a esse contexto, pequenas imagens de Santo Antônio feitas no Vale do Rio Paraíba paulista ganham novos sentidos, só perceptíveis quando são consideradas as culturas de origem dos escravizados para lá levados. Este artigo atualiza a análise já feita pela autora em artigo anterior, trazendo novas informações acerca das circularidades atlânticas que uniram o sudeste paulista à África Centro-ocidental.

Palavras-chave: catolicismo centro-africano; circularidades atlânticas.

Abstract: Present in the ancient Congo, in West-Central Africa, images of Saint Anthony were made there and used in specific ways. When related to

¹ Este texto serviu de base para uma apresentação feita em 2017, no congresso “A devoção de Santo António em Portugal e no Brasil”, promovido pelo Museu de Lisboa - Santo António, ao qual agradeço a oportunidade então oferecida.

this context, small images of Saint Anthony made in the River Paraíba valley, at São Paulo, acquire new meanings, only perceptible when we consider the cultures of origin of the enslaved who arrived there. This article updates the analysis already done by the author in another article, bringing new information about the Atlantic circularities that connected the Southeast of São Paulo to West-Central Africa.

Keywords: Central African catholicism; Atlantic circularities.

INTRODUÇÃO

As pequenas imagens de Santo Antônio esculpidas no século XIX por africanos e afrodescendentes residentes no sudeste do Brasil são expressão material da circulação de informações culturais entre Portugal, África Centro-ocidental e Brasil. Pelos caminhos do Atlântico construídos pelo império português, que uniu esses três territórios, o culto a Santo Antônio se disseminou e tomou formas e sentidos diversos. Neste ensaio procuro perceber os significados que tinham para seus autores e proprietários as pequenas imagens de Santo Antônio recolhidas no século XX entre afrodescendentes na região do interior do estado de São Paulo conhecida como Vale do Rio Paraíba, onde a mão de obra escrava moveu a economia cafeeira na primeira metade do século XIX. Consideradas toscas, são peças que não despertaram o interesse de museus, mesmo os de arte popular, o que as torna ainda hoje bastante desconhecidas. Feitas principalmente de nó de pinho, ou de outras madeiras duras como o cedro, existindo algumas de chifre, atribui-se a elas propriedades protetoras e são diminutas para que possam ser guardadas na roupa ou penduradas no corpo. Este texto aborda a disseminação do culto a Santo Antônio entre os centro-africanos, tendo sido muitos deles escravizados e levados para o Brasil, entre seus descendentes brasileiros, e analisa a morfologia das pequenas imagens coletadas.

Resultados de encontros entre diferentes culturas, essas imagens expressam processos ocorridos no sudeste brasileiro por meio dos quais novos significados foram atribuídos a objetos católicos. Para chegar aos possíveis

significados afro-brasileiros dessas imagens é necessário conhecer o que ocorria no território chamado de reino do Congo na documentação histórica e na historiografia. Isso porque a maioria dos escravizados que trabalhavam no sudeste do Brasil foi trazida da África Centro-ocidental, onde se localizava o Congo, cuja sociedade havia integrado o catolicismo à sua cultura, sob uma forma bastante particular.

A bibliografia que investiga a história do Congo está em sua maioria de acordo ao entender que a incorporação de elementos do catolicismo apresentados pelos portugueses aos chefes congueses, no final do século XV, foi por muito tempo central na organização de suas estruturas de poder. Nela há um consenso sobre a importância que a adoção de algumas práticas e símbolos católicos teve para o fortalecimento do poder do mani Congo, ou rei do Congo². Desde o início do século XVI até o início do século XX, a presença de um sacerdote católico era indispensável para a realização de certos ritos, como entronizações e sepultamentos de chefes, e a cruz se tornou um símbolo de especial importância para a expressão do poder dos chefes³. A compreensão dos seus significados no Congo também ajudará na análise das imagens de Santo Antônio de nó de pinho, nas quais a cruz recebe um lugar de destaque. Além deste símbolo, que congrega sentidos centro-africanos e católicos, Santo Antônio foi outro elemento do catolicismo lusitano adotado pela sociedade conguesa.

SANTO ANTÔNIO NO CONGO

A antiga presença do santo lisboeta no catolicismo congo é atestada pelas imagens de metal e de madeira encontradas em escavações e entre os bens herdados dos antepassados, e pela eclosão do movimento messiânico que ficou conhecido como antonianismo. Liderado por uma jovem da elite conguesa que recebeu a educação católica dada pelos mestres locais e pelos missionários que frequentavam a região no fim do século XVII, sobreviveu à execução de sua criadora, que foi queimada viva a mando de Bernardo da

2 Algumas dessas obras são: Anne Hilton (1985), John Thornton (1992), Jan Vansina (1970), Cécile Fromont (2014), Jelmer Vos (2015), Marina de Mello e Souza (2018) e Thiago Sapede (2020).

3 A respeito dos usos e significados congueses da cruz ver Fromont (2014) e Souza (2018).

Gallo, missionário capuchinho enviado pela Propaganda Fide que atuava junto a Dom Pedro IV. Este era um dos pretendentes ao título de mani Congo, pois o território estava mergulhado em guerras entre diferentes facções e grupos de linhagens desde a derrota para os portugueses na batalha de Ambuíla, em 1665.

Beatriz Kimpa Vita, a líder do antonianismo, pertencia a uma linhagem de chefes e, além de ter frequentado a escola católica, foi iniciada no culto *kimpazi*, voltado para o bem comum e à superação de situações adversas. Nele, a iniciação se dava por meio de ritos que simbolizavam a morte e o retorno do mundo dos mortos com a capacidade de intermediar questões relativas à conexão entre as esferas do visível e do invisível da existência. Criada em um ambiente de insegurança provocado pela guerra entre as diferentes facções do Congo, tornou-se seguidora de uma seita liderada por Mafuta, uma sacerdotisa de espíritos territoriais que pregava contra os missionários católicos, vistos como *bandokî*: sacerdotes que praticavam atos perniciosos ao conjunto das pessoas e em favor de interesses individuais. Em suas pregações, Mafuta acusava os missionários de serem egoístas e invejosos, e defendia a retomada da capital abandonada, temas incorporados nas pregações de Kimpa Vita. Esta tornou-se uma líder carismática com crescente número de seguidores depois que viveu um episódio entendido como uma morte e ressurreição, durante o qual teria tido um encontro com Deus e voltado com Santo Antônio nela incorporado⁴.

O antonianismo é um fenômeno bastante estudado, e aqui importa destacar a familiaridade que a população conguesa, que aderiu de forma significativa à pregação de Kimpa Vita, tinha com Santo Antônio. Detalhes do movimento são conhecidos principalmente devido aos registros deixados por Lorenzo da Luca e Bernardo da Gallo, que em 1706 convenceu Dom Pedro IV a queimá-la na fogueira, junto com seu companheiro. Em sua narrativa, Bernardo da Gallo aventou a possibilidade de Beatriz Kimpa Vita ter ouvido um sermão sobre Santo Antônio proferido por algum mestre, membro da elite local, que dominaria a leitura e possuiria algum sermão sobre o santo. Uma vez que estamos falando de uma cultura na qual o conhecimento é ar-

⁴ A respeito do antonianismo, ver Thornton (1998) e Souza (2017).

mazenado pela memória dos homens e transmitido pela oralidade, um mestre pode ter apenas ouvido o sermão, que reteve e passou a transmitir.

William Graham Lister Randles (1968), em seu livro sobre o Congo e apoiado nessa passagem de Bernardo da Gallo, considerou a possibilidade de Kimpa Vita ter tido contato com sermões de Antônio Vieira, nos quais era descrita a ajuda que Santo Antônio prestou aos portugueses para expulsar os holandeses de Salvador da Bahia. Quem nos conduz por esse caminho de possibilidades é Robert Slenes (2008), que indica todos os sermões de Vieira sobre Santo Antônio, local e data em que foram proferidos e depois publicados, além de indicar as publicações mais correntes no século XVII sobre o santo e seus milagres. Como os sermões de Vieira circularam no Brasil, em Portugal e Roma antes mesmo de serem publicados, Slenes acredita que também podem ter chegado ao Congo, levados pelos capuchinhos, devotos de Santo Antônio. Nesse sentido, destaca dois sermões proferidos em Roma em 1670 e 1671 e publicados em 1696 e 1699, que podem ter sido levados para o Congo pelos missionários antes mesmo dessas datas (SLENES, 2008, p. 214-215).

Independentemente de como, e se, os sermões circularam no Congo cristão, eles incorporavam as ideias então em vigor sobre o santo, algumas das quais presentes na reza criada por Kimpa Vita a partir da Salve Rainha: a Salve Antoniana. Nela e em seus sermões, Kimpa Vita chamava Santo Antônio de segundo Deus, o que pode ter sido inspirado em Vieira, que se referiu a ele como Deus português, vice-Deus e santo de todos os santos. Vieira também dá a Santo Antônio o crédito de ter colaborado para o fim do cerco holandês a São Salvador da Bahia, cidade da qual é tido como santo protetor e que pode ter sido associada a São Salvador do Congo, capital abandonada devido às disputas pelo poder central e cuja reocupação era central na pregação de Kimpa Vita. Ao fazer essas relações, Slenes entende que a apropriação dos discursos de Vieira por Kimpa Vita teria sido o que chama de uma intensa “crioulização”, resultante do entendimento dos textos europeus a partir do conhecimento local.

Essa resignificação de elementos do catolicismo e adoção de alguns de seus símbolos é a marca característica do catolicismo congo. No que diz respeito a Santo Antônio, além da força do movimento antoniano do fim do século XVII a meados do século XVIII, as imagens do santo de confecção lo-

cal são testemunho da sua presença nas práticas religiosas conguesas. Desde o início do século XVI, quando o mani Congo Dom Afonso I, num gesto cheio de significados políticos, queimou os *minḱisi* e distribuiu “Cruzes e Imagens de Santos, trazidas pelos portugueses” (Duarte LOPEZ; Filippo PIGA-FETTA, 1951, p. 102-103), as imagens católicas foram incorporadas ao rol de objetos utilizados em ritos que conectavam a esfera visível à invisível da existência. A coleta desses objetos de posse de algumas pessoas, ou desenterrados em pesquisas arqueológicas, mostra grande quantidade de imagens e crucifixos de confecção local que foram alvo de alguns estudos⁵. Nestes é predominante a compreensão de que as imagens de santos assumiram sentidos semelhantes aos dos *minḱisi*, que acionavam forças espirituais para agirem sobre questões da vida nesse mundo.

SANTO ANTÔNIO DE NÓ DE PINHO

A menção à familiaridade de congueses com o santo português é necessária para analisarmos as imagens de Santo Antônio esculpidas principalmente em nó de pinho – o cerne duro em forma de gota que prende o galho ao tronco da araucária, árvore típica da serra da Mantiqueira, localizada no sudeste brasileiro. O Vale do Rio Paraíba, que corre entre a serra da Mantiqueira e a serra do Mar, foi o epicentro da produção cafeeira na primeira metade do século XIX, quando o trabalho escravo era a força que movia os principais setores da economia brasileira. É conhecida a predominância de escravizados centro-africanos nessa região e isso deve ter sido decisivo na disseminação do culto a Santo Antônio entre a população negra e mestiça lá residente. Ao estudar a região, Robert Slenes (2008, p. 238) argumentou que o culto a Santo Antônio realizado pelos escravos e negros livres desenvolveu-se a partir de matéria predominantemente centro-africana, ainda que contendo detalhes da tradição portuguesa. É nesse sentido que podemos considerar as imagens de Santo Antônio de nó de pinho como expressões materiais de uma devoção que combinou elementos portugueses e centro-africanos, ou, mais especificamente, congueses. Algumas destas imagens podem ser vistas na figura 1.

⁵ Entre outros, ver Fromont (2014) e Souza (2001).

Figura 1 – *Estátuas de Santo Antônio de nó de pinho. Vale do Rio Paraíba, século XIX, coleção Domingos Giobbi.*



Fonte: Lemos (1977).

Esculpidas no nó de pinho, e às vezes em chifre, essas imagens medem entre três e quinze centímetros e foram trazidas ao público por colecionadores que as recolheram principalmente na região do Vale do Rio Paraíba. Elas serviam de amuleto, objetos de proteção, e eram trazidas penduradas no pescoço ou dentro das roupas. Foram encontradas “escondidas” em oratórios, ou como pertences de pessoas que relutavam em mostrá-las ou falar sobre elas. Carlos Alberto Cerqueira Lemos (2010, p. 266), que nos dá essas informações, questiona se seriam “uma espécie de devoção secreta e mal vista” ou se teriam “alguma ligação com práticas condenadas pelo catolicismo ortodoxo dos brancos”⁶. Diz, ainda, acreditar ser “uma devoção descompromissada de qualquer prática organizada ligada à tradição africana” (LEMONS, 2010, p. 264). Se podemos concordar com suas suposições, ou seja, de que os portadores desses objetos relutavam em mostrá-los por estarem associados a práticas condenadas pelo catolicismo oficial, temos elementos para discordar de que não fossem uma “prática organizada ligada à tradição africana”, pois, como visto, o culto a Santo Antônio e a confecção e uso de sua imagem eram correntes no Congo.

No que diz respeito à matéria de que eram feitos, seja o nó de pinho, seja o chifre de animais, podemos relacioná-los à crença corrente na região do

⁶ Eduardo Etzel (1971, p. 152), que coletou 28 peças, diz: “Tudo sugere que sejam amuletos, como revela o alo de mistério que envolve estas pequenas imagens, pois com muita relutância alguns de seus possuidores se dispõem a mostrar ou mesmo mencioná-las, quando instados: ainda que desvinculadas atualmente de significado secretos, não deixam de ter uma ligação com o passado, pois o talismã, a sorte, é ainda o sentido de sua influência atual”.

Congo de que espíritos da natureza incorporavam-se em pedras e galhos de formas e composição atípicas. No caso do nó de pinho, além de sua raridade e dureza, tem a forma de uma gota levemente espiralada. A forma e consistência atípicas do nó de pinho permitem que aproximemos essas imagens aos *minḱisi* congueses, feitos de um composto de substâncias que lhes davam a potência para acionar os espíritos da natureza. Por outro lado, os *Toni Malau*, ou imagens de Santo Antônio, eram amuletos, como a palavra *malau* indicava ao designar boa sorte. Uma tradução aceita de *Toni Malau* é Santo Antônio da Boa Fortuna. Uma outra linha de interpretação da adoção do culto aos santos pelos congueses é apresentada por Thornton (1998, p. 117), para quem os santos eram poderosos *banḱita*, seres que por já terem vivido há muito tempo se tornaram figuras protetoras de todos, uma vez que não eram mais ancestrais, e, portanto, obrigados a agir em prol de seus descendentes.

No que diz respeito aos aspectos estéticos, as imagens de nó de pinho coletados no Vale do Rio Paraíba apresentam poucos detalhes e uma simplicidade de elementos presente também nas imagens conguesas. Carlos Lemos entende que as peças eram feitas por aqueles que as usavam, não havendo mestres, escolas ou estilos definidos. Em algumas se percebe a inspiração em modelos europeus, principalmente nos panejamentos, enquanto outras são despojadas de pormenores chegando aos limites da abstração ou ao que chama de “primitivismo de fatura” (LEMOS, 2010, p. 267). A desconsideração da existência de um valor estético ou artístico nas imagens, associada ao desconhecimento dos aspectos católicos das culturas africanas e afro-brasileiras, contribuiu para o silêncio sobre essa produção e a sua total ausência nos acervos dos museus. Não fossem alguns colecionadores, não conheceríamos essa interessante produção, portadora de características muito particulares.

Produtos dos circuitos que uniram Portugal, África e Brasil, essas imagens trazem elementos da iconografia religiosa europeia, como a presença do menino Jesus no colo do santo, sua veste de franciscano, uma cruz e às vezes um livro, mas dela diferem quanto a padrões estéticos. A simplificação e estilização dos elementos as afastam dos modelos europeus e as aproximam dos africanos. No conjunto de imagens de Santo Antônio de nó de pinho, conhecidas por meio de fotografias que ilustram artigos e catálogos de exposições, nas quais as peças dos colecionadores vêm ao conhecimento do público, é constante a presença de uma cruz que Santo Antônio traz em sua mão

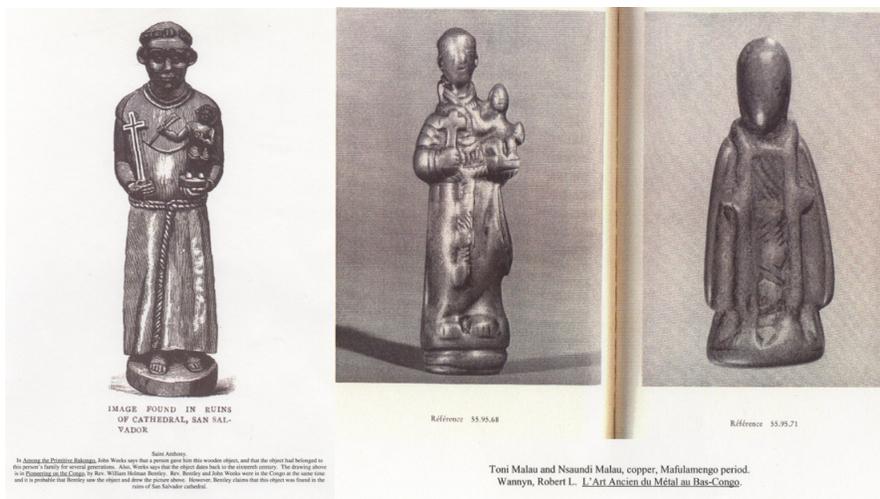
direita ou está esculpida em algum outro lugar da imagem, às vezes um simples entalhe de dois traços que se cruzam⁷. Também, as imagens coletadas no Congo representam o santo em sua veste de franciscano, com o menino Jesus sobre um livro em sua mão esquerda e uma cruz na direita. Mas estas são mais figurativas do que os santinhos do sudeste brasileiro. Em artigo anterior já me detive sobre os significados da imagem para seus portadores, que por meio delas buscavam proteção dos seres da esfera invisível da existência. Ali também chamei a atenção para como o material utilizado para a confecção da imagem podia relacionar-se a noções relativas a formas de manifestação material de seres da natureza, para a presença da cruz nas esculturas, e para a posição das mãos do santos, postas frente a frente sobre a barriga em um gesto chamado de *simbidila*, que remetia à conexão com a esfera invisível da existência⁸.

Na figura 2 podemos observar aspectos das imagens de Santo Antônio confeccionadas no Congo. O desenho está no livro *Among the Primitive Bakongo* (John WEEKS, 1969), no qual ele diz que se trata de uma imagem mantida há gerações na família. As fotografias das imagens de Santo Antônio e Nossa Senhora em metal estão no livro *L'Art Ancien du Métal au Bas-Congo* (Robert WANNYN, 1961), no qual é dito que faziam parte dos tesouros das famílias que as cederam, medem 115 mm x 35 mm e teriam sido feitas no século XVII ou XVIII, chamado de “período mafumalengo”, aquele no qual predominavam as relações com os comerciantes flamengos.

7 As obras que trazem as imagens observadas são: Stanislaw Herstal (1956), Etzel, 1971 e Lemos (1977; 1999; 2010).

8 Souza (2001). Mais recentemente, Joyce Farias (2022) fez um balanço dos estudos sobre as imagens de Santo Antônio de nó de pinho e analisou a forma como essas esculturas foram tratadas pelos museus e estudiosos da arte, indicando a existência ainda hoje, de um silenciamento relativo às contribuições específicas das culturas africanas.

Figura 2 – *Imagens de Santo Antonio (Toni Malau) e Nossa Senhora (Nsundi Malau) confeccionadas no Congo.*



Fonte: *Among the Primitive Bakongo* (John WEEKS, 1969) e *L'Art Ancien du Métal au Bas-Congo* (Robert WANNYN, 1961)

A importância da cruz para algumas sociedades centro-africanas é apontada por diversos estudos que proliferaram depois que Fu-Kiau Busenki sistematizou as noções contidas no que ficou conhecido como cosmograma congo, no qual há uma cruz dentro de um círculo⁹. Esta seria uma representação de uma forma básica pela qual os povos bacongo entenderiam e explicariam o mundo circundante, constituído pela relação entre a esfera do visível (acima da linha horizontal da cruz) e a esfera do invisível (abaixo da linha horizontal da cruz). A comunicação dessas duas esferas da existência seria representada pela linha vertical da cruz, que as conecta, e estaria expressa mais especificamente no ponto onde as duas linhas se cruzam. O círculo que une os quatro pontos da cruz simbolizaria o movimento do sol e o ciclo da

9 As formulações de Fu-Kiau Busenki primeiro apareceram em 1969 em uma versão francesa de seu trabalho, foram adotadas por Wyatt MacGaffey e Jan Jansen, estudiosos das culturas da região que mantiveram contato com ele, e tornaram-se acessíveis a um público mais amplo com a publicação de Kimbwandende Kia Busenki Fu-Kiau (2001).

vida na esfera do visível e do invisível, em um movimento contínuo¹⁰. Cientes da importância da cruz como símbolo que remete à conexão entre as esferas visíveis e invisíveis da existência, podemos entender sua presença constante nas imagens de Santo Antônio de nó de pinho, seja de forma mais figurativa, erguida pelas mãos do santo, seja de forma mais simbólica, como uma simples incisão em alguma parte da imagem. Sendo as imagens amuletos protetores e veículos para a ação de forças invisíveis, as cruzeiras nelas inscritas eram um canal de comunicação com espíritos da natureza, ancestrais, ou Santo Antônio.

Comparando as imagens do Toni Malau às de Santo Antônio de nó de pinho, percebemos que há total independência estética entre ambas, havendo nas imagens brasileiras, que conhecemos em maior número, uma grande variedade de estilos. Os elementos básicos do padrão da imaginária religiosa portuguesa estão nelas presentes, mas na maioria das vezes de forma extremamente simplificada: a veste não tem panejamentos, as feições do rosto, os braços e o menino Jesus estão apenas esboçados. Se à primeira vista as imagens podem ser vistas como uma prova da conversão dos escravizados ao catolicismo, um olhar mais atento percebe que elas expressam a presença no sudeste brasileiro de aspectos de culturas centro-africana, em especial a desenvolvida no Congo ao longo de muitos séculos. As imagens de Santo Antônio de nó de pinho são novas expressões culturais resultantes da circulação de elementos que configuram múltiplas matrizes, entre elas as centro-africanas, como aqui argumentamos.

Marina de Mello e Souza possui graduação em Ciências Políticas e Sociais pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (1981), mestrado em História da Cultura pela mesma universidade (1993), doutorado em História Social pela Universidade Federal Fluminense (1999) e livre-docência em História da África, época moderna, século XVI - início do XIX (2012) pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Desde 2001 é professora do Departamento de História da FFLCH-USP, atuando na graduação e na pós-graduação.

10 A mais recente e completa análise sobre os simbolismos da cruz no Congo é a feita por Fromont (2014).

É bolsista de produtividade CNPq, nível 2 desde 2016, e autora dos livros *Paraty, a cidade e as festas*, *Reis negros no Brasil escravista*, *África e Brasil africano*, ganhador do prêmio Jabuti categoria livros didáticos e para-didáticos em 2006 e *Além do Visível. Poder, Catolicismo e Comércio no Congo e em Angola (séculos XVI e XVII)*. Atualmente dedica-se à história da África Centro-Ocidental dos séculos XVI ao XIX, com atenção especial aos temas ligados à presença do catolicismo entre os povos centro-africanos e suas articulações com o comércio e com as organizações políticas. Tem trabalhos na área de cultura popular e cultura afro-brasileira, especialmente ligados às festas e cultura material. É diretora no Centro de Estudos Africanos da FFLCH da USP.

FINANCIAMENTO: Não se aplica.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ETZEL, Eduardo. *Imagens religiosas de São Paulo: apreciação histórica*. São Paulo: Melhoramentos, 1971.
- FARIAS, Joyce. “Reverendo nós historiográficos: apontamentos sobre esculturas de santos-amuletos do Vale do Paraíba e suas origens africanas”. *Modos*, Campinas, v. 6, n. 1, p. 202-229, 2022.
- FROMONT, Cécile. *The Art of Conversion*. Chapel Hill: University of North Carolina Press, 2014.
- FU-KIAU, Kimbwandende Kia Bunseki. *African Cosmology of the Bântu-Kôngo: Principles of Life & Living*. Nova York: Athelia Henrietta Press, 2a edição, 2001 [1980].
- HERSTAL, Stanislaw. *Imagens religiosas do Brasil*. São Paulo: Grafitec, 1956.
- HILTON, Anne. *The Kingdom of Kongo*. Oxford: Oxford University Press, 1985.
- LEMONS, Carlos Alberto Cerqueira. “O santo Antonio de nó de pinho”. In: GONDIM, Adenor. *Arte e religiosidade no Brasil: heranças africanas*. São Paulo: Pinacoteca do Estado de São Paulo, 1977.
- LEMONS, Carlos Alberto Cerqueira. *A imaginária paulista*. São Paulo: Pinacoteca do Estado de São Paulo, 1999.

MARINA DE MELLO E SOUZA Santo Antônio de nó de pinho: expressão material de uma devoção mestiça

LEMOS, Carlos Alberto Cerqueira. “A imaginária dos escravos de São Paulo”. In: ARAUJO, Emanuel (Org.). *A mão afro-brasileira: significado da contribuição artística e histórica*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo: Museu Afro-Brasil, 2010. p.260- 269

LOPEZ, Duarte; PIGAFETTA, Filippo. *Relação do reino do Congo e terras circunvizinhas*. Lisboa: Agência Geral do Ultramar, 1951.

RANDLES, William Graham Lister. *L'ancien royaume du Congo des origines à la fin du XIX^e siècle*. Paris: Mouton, 1968.

SAPEDE, Thiago. *Le roi e et le temps, le Kongo et le Monde: une histoire globale des transformations politiques du Royaume du Kongo (1780-1860)*, Paris, tese, École des hautes Études em Sciences sociales, 2020.

SLENES, Robert. “Saint Anthony at the crossroads in Kongo and Brazil: ‘creolization’ and identity politics in the black south Atlantic, ca. 1700-1850”. In: SANSONE, Livio; SOUMONNI, Elisée; BARRY, Boubacar (Orgs.). *Africa, Brazil and the Construction of Transatlantic Black Identities*. Trenton: Africa World Press, 2008. p. 209-254.

SOUZA, Marina de Mello. “Revisitando o Antonianismo”. In: ASSIS, Angelo Adriano Faria; MUNIZ, Polyanna Gouveia Mendonça; MATTOS, Yllan (Orgs.). *Um historiador por seus pares: trajetórias de Ronaldo Vainfas*. São Paulo: Alameda, 2017. p. 241-261.

SOUZA, Marina de Mello. “Santo Antonio de nó de pinho e o catolicismo afro-brasileiro”. *Tempo*, v. 6, n. 11, p. 171-188, 2001.

SOUZA, Marina de Mello. *Além do visível: poder, catolicismo e comércio no Congo e em Angola (séculos XVI e XVII)*. São Paulo: edUSP, 2020.

THORNTON, John. *The Kingdom of Kongo: Civil War and Transition, 1641-1718*. Madison: University of Wisconsin Press, 1992.

THORNTON, John. *The Kongoese Saint Anthony: Dona Beatriz Kimpa Vita and the Anthonian Movement, 1684-1706*. Cambridge: Cambridge University Press, 1998.

VANSINA, Jan. *Kingdoms of the savana*. Madison: The University of Wisconsin Press, 1970.

VOS, Jelmer. *Kongo in the Age of Empire, 1860-1913: The Breakdown of a Moral Order*. Madison: The University of Wisconsin Press, 2015.

WANNYN, Robert. *L'Art Ancien du Métal au Bas-Congo*. Bruxelas: Éditions du Vieux Planquesaule, 1961.

WEEKS, John. *Among the Primitive Bakongo*. Nova York: Negro Universities Press, 1969.